

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

28 – A Natureza da Supramente (I)

12.02.23

(Parte IV – Capítulo XIX)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2023

1

O objetivo do Ioga é elevar o ser humano, fazê-lo passar da consciência da mente comum – sujeita ao controle da Natureza vital e material e limitada completamente pelo nascimento, pela morte, pelo Tempo e pelas necessidades e desejos da mente, da vida e do corpo – à consciência do espírito livre em si.

O Ioga utiliza as circunstâncias da vida, da mente e do corpo como determinações que o próprio espírito aceitou, escolheu e modelou, usando-as em um autoconhecimento livre, um livre arbítrio e um livre poder de ser, pelo simples deleite de ser.

Essa é a diferença essencial entre a mente mortal comum em que vivemos e a consciência espiritual de nosso ser divino e imortal, que é o supremo resultado do Ioga.

2

Essa é uma conversão radical tão grande
 – e mesmo bem maior, supomos –
 quanto deve ter sido a mudança feita pela Natureza evolutiva
 em sua transição do animal vital
 à consciência humana de todo mentalizada.

O animal tem uma mente vital cônica,
 mas nela quaisquer primórdios de algo mais alto
 são apenas vislumbres primários,
 índices toscos da inteligência
 que no ser humano se tornará
 o esplendor da compreensão,
 da vontade,
 da emoção,
 da sensibilidade
 e da razão mentais.

3

O ser humano, após elevar-se às alturas da mente
 e aprofundar-se em seu ser pelas intensidades dela,
 percebe algo de vasto e divino em si mesmo,
 algo em direção a que tende todo esse movimento,
 algo que ele é em potencial mas não se tornou ainda,

e dirige os poderes de sua mente
 – seu poder de conhecimento, vontade, emoção e sensibilidade –
 em direção a isso, a fim de apreender e abarcar tudo que isso possa ser,
 de tornar-se isso e existir de maneira plena nessa consciência mais vasta,
 nesse deleite e nesse ser maiores,
 nesse poder de devir supremo.

Mas o que ele consegue desse estado superior em sua mente normal
 são apenas indícios, um vislumbre elementar,
 indícios toscos do esplendor, da luz, da glória
 e da divindade do espírito dentro dele.

4

É preciso que todas as partes de seu ser
 se convertam por completo
 em moldes e instrumentos da consciência espiritual,
 antes que ele possa sentir em si mesmo,
 de maneira concreta, constante,
 a presença desse algo mais vasto que ele pode se tornar,
 antes que possa viver inteiramente nisso
 que é para ele agora,
 no melhor dos casos,
 uma aspiração luminosa.

Ele deve buscar desenvolver
 uma consciência mais vasta, divina,
 e viver nela completamente,
 pela prática de um Ioga integral.

5

O Ioga da perfeição que permite efetuar essa mudança,
 como o temos considerado até agora,
 consiste em uma purificação preparatória da natureza mental, vital e física,
 uma liberação dos nós da Prakriti inferior
 e, em seguida, a substituição do estado egoístico
 sempre sujeito à ação ignorante e agitada da alma de desejo,
 por uma igualdade estática vasta e luminosa
 que aquieta a razão, a mente emocional, a mente vital e a natureza física
 e nos traz a paz e a liberdade do espírito;

depois, é preciso substituir de maneira dinâmica
 a ação da Prakriti inferior
 pela ação da Shakti divina, suprema e universal,
 sob a direção do Ishwara
 – uma ação cuja operação completa
 deve ser precedida pela perfeição dos instrumentos naturais.

6

PERFEIÇÃO DOS INSTRUMENTOS					
IGUALDADE	PLENOS PODERES			EVOLUÇÃO	
Superioridade às reações da mente e vida - Unidade - Entrega - Desapego - Aceitação	ELEVAÇÃO DA NATUREZA - Inteligência - Coração - Mente - Vida - Corpo	FORÇA DE ALMA (Purusha) - Conhecer - Vigor - Mutualidade - Serviço	SHAKTI DIVINA Substituir energia e vontade pessoais pela ação da Shakti	SHRADHA Fé na presença e poder do Divino em nós e em suas efetuações	Mente intuitiva M. Iluminada Sobrememente Supramente Ser Gnóstico
LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO		LIBERTAÇÃO DA NATUREZA			
DESEJO: (semente) - Passivo: imóvel, sem expectativa - Ativo: imóvel e impessoal na mente Suprema Vontade age através dos instrumentos purificados	EGO: (existência separativa) - Estabelecer-se na idéia de unidade com o Divino Transcendental e com o Ser Universal - Entrega - vontade sem desejo	DUALIDADES: belo / feio, sucesso / fracasso - Livrar-se do apego - Afastar-se das dualidades pelo retirar-se interior	3 GUNAS: superioridade - Tamas: quietude, calma divina - Rajas: vontade do espírito - Sattva: luz do Ser divino		
PURIFICAÇÃO					
BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)		MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)			
<ul style="list-style-type: none"> - Início da purificação: na Buddhi - Principal força para a efetuação: a vontade inteligente - 1º passo: desembaraçar-se do prana de desejo, transformando o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre - Separar ação e pensamento da mentalidade sensorial (desligamento do controle das sugestões de nossa natureza inferior) - Discernir a preocupação com coisas da natureza daquilo que a faz submissa à mente sensorial 		<ul style="list-style-type: none"> - Mente emocional: inclinação / aversão atração / repulsa - apego - Mente receptiva e emocional (base da afeição): inclinação / aversão emocionais - Mente ativa sensorial (mente de impulso dinâmico): canal de resposta emocional - Obstáculo: desejo -> distinguir entre vontade e desejo, entre o prana psíquico e o prana físico - Antes da purificação: dominar a intermitência e o clamor compelidor do prana psíquico, aquietá-lo e prepará-lo para a purificação 			

7

SAT - CHIT - ANANDA

SUPRAMENTE: Visão por identidade - sem divisão - conhecimento dos três tempos

SOBREMENTE: Unidade universal, sem ego - divisão entre conhecedor e conhecido

MENTE ILUMINADA: Experiência, pensamento, vontade, sentimento e sentidos intuitivos

MENTE INTUITIVA:

- 1- Silenciar a mente, intelecto, vontade mental e pessoal, mente de desejos, emoção e sensação
- 2- Esperar pelo impulso ou comando divino no coração
- 3- Receber tudo por uma espécie de descida de cima (lótus no topo da cabeça)
- 4- Elevar o intelecto até seus limites à coisa que o transcende

8

Todas essas coisas juntas,
 embora não sejam ainda a totalidade do loga,
 constituem já
 uma consciência bem maior
 que a consciência normal atual,
 uma consciência espiritual em sua base
 e movida por uma luz,
 um poder
 e uma beatitude maiores;

PERFEIÇÃO DOS INSTRUMENTOS				
IGUALDADE	PLENOS PODERES			EVOLUÇÃO
	ELEVAÇÃO DA NATUREZA	FORÇA DE ALMA	SHAKTI DIVINA	SHRADHA
				Mente intuitiva
LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO		LIBERTAÇÃO DA NATUREZA		
DESEJO: (semente)	EGO:	DUALIDADES:	3 GUNAS: superioridade	
PURIFICAÇÃO				
BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)		MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)		

9

No entanto, à medida que a luz cresce, surge uma questão capital:
 por qual intermediário a Shakti divina vai agir no ser humano?

Será sempre apenas por meio da mente e no plano da mente
 ou em uma formulação supramental maior,
 que será mais apropriada a uma ação divina
 e absorverá e substituirá as funções mentais?

Se a mente for destinada a ser sempre o instrumento,
 então, embora sejamos conscientes de um Poder divino
 que inicia e conduz todas as nossas ações humanas interiores e exteriores,
 esse Poder deverá formular
 seu conhecimento, sua vontade, sua Ananda e tudo o mais
 por representações mentais, isto é,
 traduzi-los em um tipo de funcionamento inferior
 diferente da operação suprema, nativa,
 da consciência divina e sua Shakti.

10

A mente espiritualizada, purificada, liberada
e aperfeiçoada dentro de seus próprios limites,
pode chegar tão próximo quanto possível
de uma tradução mental fiel,
mas veremos que, após tudo,
essa é uma fidelidade relativa
e uma perfeição imperfeita.

A mente, por sua própria natureza,
não pode traduzir com inteira exatidão
o conhecimento, a vontade e a Ananda divinos,
nem agir na totalidade unificada deles,
porque ela é um instrumento para lidar com as divisões do finito,
em uma base de divisão,
um instrumento secundário portanto,
e uma espécie de delegada
para os movimentos inferiores em que vivemos.

11

A mente pode refletir o Infinito, pode dissolver-se nele,
pode aí viver em uma vasta passividade,
pode receber suas sugestões
e pô-las em ação à sua própria maneira
– uma maneira sempre fragmentária,
derivada e sujeita a uma maior ou menor deformação –
mas ela mesma não pode ser
o instrumento direto e perfeito do Espírito infinito
que age em seu conhecimento original.

A Vontade e a Sabedoria divinas,
que organizam a ação da consciência infinita
e determinam todas as coisas
segundo a verdade do espírito
e a lei de sua manifestação,
não são mentais mas supramentais,

12

e mesmo em suas formulações mais próximas da mente
 elas estão, por sua luz e poder,
 tão mais acima da consciência mental
 quanto a consciência mental humana está acima
 da mente vital da criação inferior.

A questão é saber até onde o ser humano aperfeiçoado
 poderá elevar-se acima da mente,
 entrar em um tipo de fusão unificadora com o supramental
 e construir em si mesmo um nível da supramente,
 uma gnose completa
 cuja forma e poder permitirão à Shakti divina
 agir de maneira direta,
 não por meio de uma tradução mental,
 mas de maneira orgânica
 com sua natureza supramental.

13

Aqui é necessário, em um tema tão remoto
 das linhas comuns de nosso pensamento e de nossa experiência,
 estabelecer, primeiro, o que é a gnose universal ou supramente divina,
 como ela está representada no movimento atual do universo
 e quais são suas relações com a psicologia atual do ser humano.

Será então evidente que,
 embora a supramente seja suprarracional para nossa inteligência
 e suas operações estejam ocultas à nossa percepção,
 não há nada de irracionalmente místico,
 mas, antes, sua existência e seu emergir
 são uma necessidade lógica da natureza da existência
 – contanto que reconheçamos sempre que
 a realidade fundamental não é apenas a matéria ou a mente,
 mas o espírito,
 e sua presença onipresente no universo.

14

Todas as coisas são uma manifestação do espírito infinito,
a partir de seu próprio ser, de sua consciência,
pelo poder próprio de realização, determinação, consumação dessa consciência.

O Infinito organiza, podemos dizer, pelo poder de seu autoconhecimento,
a lei da manifestação de seu ser no universo,
não apenas no universo material presente aos nossos sentidos,
mas em tudo o que há detrás, em todos os planos da existência.

Tudo é organizado por ele,
não sob alguma compulsão inconsciente
ou alguma fantasia ou capricho mentais,
mas em sua liberdade espiritual infinita,
conforme a verdade própria de seu ser,
as suas potencialidades infinitas
e a sua vontade de criar a si mesmo
a partir dessas potencialidades;

15

e a lei dessa verdade essencial é
a necessidade que compele as coisas criadas a agir e a evoluir,
cada uma segundo sua natureza própria.

É evidente que a inteligência (para dar-lhe um nome inadequado),
o Logos que assim organiza sua manifestação,
é algo infinitamente mais vasto, mais extenso em conhecimento
– seu poder mais irresistível, mais imenso no deleite de sua autoexistência
e no deleite de seu ser ativo e de suas obras –
que a inteligência mental que, para nós,
é o grau mais alto alcançado e a expressão de consciência mais elevada.

É a essa inteligência – infinita em si mesma,
mas que organiza e determina de maneira livre e orgânica
sua própria criação e suas obras –
que daremos, para nosso propósito atual,
o nome de supramente divina ou gnose.

16

A natureza-base dessa supramente é que
 todo o seu conhecimento é, na origem,
 um conhecimento por identidade e unidade,
 e mesmo quando, em aparência,
 ela cria em si mesma inumeráveis divisões e modificações diferenciadoras,
 todo o conhecimento que rege suas operações, mesmo nessas divisões,
 é baseado nesse conhecimento perfeito por identidade e unidade
 e sustentado, aclarado e guiado por ele.

O Espírito é um em todo lugar
 e sabe que todas as coisas estão nele e são ele mesmo;
 ele as vê sempre dessa maneira
 e, portanto, as conhece de maneira íntima e completa,
 em sua realidade e em sua aparência, em sua verdade, em sua lei
 – conhece inteiramente o espírito, o sentido e a forma
 da natureza delas e de suas operações.

17

Mesmo quando vê algo enquanto objeto de conhecimento,
 o vê como ele mesmo e nele mesmo,
 e não como “outra” coisa
 que não é ele ou que está separada dele,
 da qual ignoraria antes de tudo
 a natureza, a constituição e o modo de funcionar
 e que deveria aprender a conhecer,
 assim como a mente no início ignora seu objeto
 e deve aprender a conhecê-lo,
 pois está separada dele
 e o vê, sente, encontra como algo distinto dela mesma
 e externo a seu ser.

A percepção mental que temos
 de nossa própria existência subjetiva e seus movimentos
 não é a mesma coisa que essa identidade e esse autoconhecimento,

18

embora os indique,
 porque o que ela vê são representações mentais de nosso ser
 e não o interior profundo ou o todo,
 e é apenas uma ação parcial,
 derivada e superficial que nos aparece,
 enquanto que as partes mais vastas
 – que mais determinam secretamente nossa existência –
 estão ocultas à nossa mentalidade.

À diferença do ser mental,
 o espírito supramental possui o conhecimento real
 – porque é profundo e total –
 dele mesmo e de todo seu universo
 e de todas as coisas que são suas criações
 e suas próprias representações no universo.

19

A segunda característica da Supramente suprema é
 esse conhecimento real, porque é total.

Antes de tudo, ela tem uma visão transcendente:
 ela vê o universo não só em termos universais,
 mas em sua relação justa com a realidade suprema e eterna
 de onde ela procede e da qual é uma expressão.

Ela conhece o espírito, a verdade
 e todo o sentido da expressão universal,
 porque conhece toda a essência, toda a realidade infinita
 e todas as potencialidades que sempre resultam
 daquilo que o universo, em parte, expressa.

Ela conhece com exatidão o relativo porque conhece o Absoluto
 e todos os seus absolutos aos quais esses relativos se referem
 e dos quais eles são figurações parciais, atenuadas ou reprimidas.

20

Em seguida, ela é universal
e vê tudo que é individual nos termos do universal,
assim como em seu termo individual próprio,
e mantém todas essas figurações individuais
em sua relação justa e completa com o universo.

Por fim, em relação às individualidades tomadas em separado,
ela tem uma visão total, porque conhece cada uma em sua essência profunda,
de que tudo o mais é resultante,
ao mesmo tempo em sua totalidade que é sua representação completa,
e em suas diversas partes
– em suas conexões e dependências –
assim como em suas conexões com as outras coisas
e com tudo aquilo de que depende essa individualidade,
porque está ligada, de maneira implícita e explícita,
com todas as coisas do universo.

21

A mente, ao contrário, é limitada e incapaz em todos esses pontos.

A mente não pode chegar à identidade com o Absoluto
mesmo quando, por uma extensão do intelecto, concebe a ideia;
ela pode apenas desaparecer nele, em uma vertigem ou uma extinção;
ela pode ter apenas uma espécie de sensação
ou algum indício de certos absolutos
que traduz em uma imagem relativa por uma ideia mental.

Ela não pode entender o universal,
mas apenas chegar a alguma ideia mediante uma extensão do individual
ou em uma combinação de elementos em aparência separados,
e então vê o universo como um infinito vago,
como um indeterminado, como uma imensidão semidefinida,
ou então apenas como algum esquema externo
ou uma imagem construída.

22

O ser e a ação indivisíveis do universal,
isto é, sua verdade real,
escapam à percepção da mente,
porque ela os concebe de maneira analítica,
tomando suas próprias divisões por unidades,
e de maneira sintética, pela combinação dessas unidades,
mas não pode compreender a unidade essencial
nem pensar inteiramente segundo esses termos,
embora possa chegar a essa ideia e a certos resultados secundários.

Ela tampouco pode conhecer de maneira completa e verdadeira
mesmo as coisas individuais e, em aparência, separadas,
porque ela procede da mesma maneira,
por uma análise das partes, dos constituintes e das propriedades,
e em uma combinação com a qual ela erige um esquema
que é apenas a imagem externa do objeto.

23

Ela pode receber uma indicação da verdade
essencial e profunda de seu objeto,
mas não pode viver de maneira constante e luminosa
nesse conhecimento essencial
nem agir de dentro para fora sobre o resto,
a fim de que as circunstâncias externas
apareçam em sua realidade e significado íntimos
como resultado, expressão, forma e ação inevitáveis
daquele algo espiritual que é a realidade do objeto.

E tudo isso que é impossível para a mente,
que ela pode apenas se esforçar
para apreender e representar,
é inerente ao conhecimento supramental
e natural para ele.

24

A terceira característica da supramente surge dessa diferença e nos leva à distinção prática entre os dois tipos de conhecimento.

A supramente é diretamente cônica da verdade:
 é um poder divino de conhecimento imediato, inerente e espontâneo,
 uma Ideia que contém de maneira luminosa todas as realidades
 e não depende dos indícios ou etapas lógicas
 ou outras que procedem do conhecido ao desconhecido,
 como o faz a mente,
 que é um poder da Ignorância.

A supramente contém todo seu conhecimento em si mesma;
 em sua sabedoria divina mais alta
 ela está na posse eterna de toda a verdade,
 e mesmo em suas formas inferiores, limitadas ou individualizadas,
 ela tem só que expressar, a partir de si mesma,
 a verdade latente –

25

– essa é a percepção que os antigos pensadores tentaram expressar
 quando disseram que todo conhecimento,
 em sua origem e natureza verdadeiras,
 é apenas uma memória
 de um conhecimento existente em nosso interior.

A supramente é para sempre, e em todos os níveis,
 consciente da verdade e existe secretamente
 mesmo no ser mental e no ser material,
 observa e conhece as coisas,
 mesmo as mais obscuras,
 da ignorância mental:

as compreende, está por trás delas e governa seus processos,
 porque tudo na mente deriva da supramente
 – e deve ser assim,
 porque todas as coisas derivam do espírito.

26

Tudo que é mental é apenas
 uma imagem parcial, diminuída, reprimida ou semirreprimida,
 da verdade supramental,
 uma deformação
 ou uma imagem derivada e imperfeita
 de seu conhecimento superior.

A mente começa a partir da Ignorância
 e procede em direção ao conhecimento.

Na prática, no universo material,
 ela surge de uma inconsciência inicial e universal
 que, na verdade, é a involução do espírito todo-consciente
 em sua própria força de ação
 absorvida e esquecida de si mesma
 e, portanto,
 parece parte de um processo evolutivo:

27

primeiro,
 um sentimento vital
 que se encaminha para uma sensação manifesta,
 em seguida,
 o emergir de uma mente vital
 capaz de sensação
 e, por fim,
 o desenvolvimento evolutivo
 de uma mente de emoção e de desejo,
 de uma vontade consciente,
 de uma inteligência crescente.

E cada estágio
 é o emergir de um poder maior,
 um poder escondido da supramente,
 do espírito secreto.

28

A mente humana,
 por ser capaz de reflexão e de uma investigação coordenada,
 capaz de compreender a si mesma, sua base e seu meio,
 alcança a verdade, mas sobre um fundo de ignorância original,
 uma verdade atormentada por uma constante névoa circundante
 de incerteza e de erro.

Suas certezas são relativas e, na maioria das vezes,
 convicções precárias,
 ou então apenas as asseguradas certezas fragmentadas
 de uma experiência imperfeita e incompleta,
 não uma experiência essencial.

A mente faz descobertas uma após outra,
 recebe ideias uma após outra,
 acrescenta uma experiência à outra
 e uma experimentação à outra –

29

– e perde, rejeita e esquece,
 e tem que reencontrar muitas coisas à medida que procede –
 depois, tenta estabelecer uma relação entre tudo o que conhece
 e configura sequências lógicas ou outras,
 uma série de princípios com suas consequências,
 suas generalizações e suas aplicações
 e, a partir de seus estratagemas,
 constrói uma estrutura onde pode viver mentalmente,
 mover-se, agir, fruir e laborar.

Esse conhecimento mental é sempre limitado em extensão:

não apenas isso, mas, em adição,
 a mente também erige outras barreiras voluntárias
 e, pelo artifício de opiniões mentais,
 admite certas partes ou certos aspectos da verdade
 e exclui tudo o mais,

30

porque se deixasse entrar e jogar livremente todas as ideias,
 se a mente permitisse todas as infinitudes da verdade,
 ela se perderia em uma variedade irreconciliável,
 em uma imensidade indeterminada
 e seria incapaz de agir
 e de passar às conseqüências práticas
 ou a uma criação efetiva.

E mesmo quando é o mais vasto e completo possível,
 o saber mental é ainda um conhecimento indireto:

um conhecimento não da coisa em si,
 mas de suas formas,
 um sistema de representações,
 um esquema de indícios –

31

– salvo em certos movimentos,
 quando, de fato, ele vai além de si mesmo,
 além da ideia mental,
 para a identidade espiritual;
 mas, aí, ele acha extremamente difícil
 ir mais além de raras realizações espirituais
 isoladas e intensas,
 ou elaborar ou organizar
 as conseqüências práticas corretas
 dessas raras identidades de conhecimento.

Um poder maior que a razão é necessário
 para a compreensão espiritual
 e a consumação desse conhecimento mais profundo.

Isso, só a supramente, íntima com o Infinito,
 pode fazer.

32

A supramente vê de maneira direta
o espírito e a essência, a face e o corpo,
o resultado e a ação, os princípios e as consequências da verdade,
e os vê como um todo indivisível;
portanto, ela pode elaborar os resultados circunstanciais
com o poder do conhecimento essencial,
organizar as variações do espírito
à luz de suas identidades e de suas aparentes divisões
na verdade de sua unidade.

A supramente conhece sua própria verdade e é sua criadora;
a mente humana conhece e cria apenas na meia-luz
e na semiescuridão de uma mistura de verdade e erro,
e também o que cria, ela o deriva de algo maior que ela mesma
e mais além dela mesma,
e o altera, traduz e diminui.

33

O homem vive em uma consciência mental,
entre um vasto subconsciente
– que é uma consciência obscura para sua visão –
e um supraconsciente ainda mais vasto,
que ele está inclinado a tomar por uma outra inconsciência,
porém luminosa,
porque sua ideia de consciência
está confinada ao meio termo
de suas próprias sensações mentais
e de sua inteligência.

É nessa supraconsciência luminosa
que se encontram
as extensões da supramente
e do espírito.

34